

Formação política da classe trabalhadora

Gecira Di Fiori¹

Resumo

Este artigo, resultado da pesquisa bibliográfica para a minha tese de doutorado, discute a formação política da classe trabalhadora, como uma das formas de apreender elementos das múltiplas determinações materiais e antagônicas da contradição capital x trabalho. A crítica ao capitalismo, na atualidade, sugere um debate sobre “meios” de formação política dessa classe (partidos políticos, sindicatos, parlamento). Nesse debate, portanto, permanecem válidos os argumentos de Rosa Luxemburg e suas divergências com o reformismo de Bernstein, com o marxismo ortodoxo de Kautsky, com o centralismo democrático de Lênin e o contraste de suas concepções na interpretação de Lukács um dos principais expoentes do marxismo ocidental.

Palavras-chave

Marxismo; Formação política, Classe trabalhadora.

Politics formation of the working class

Abstract

This article, resulted of the bibliographical research for the doctorate's thesis, argues the formation politics of the working class, as one of the forms to apprehend elements of the multiple material and antagonistic determination of the capital contradiction work. It criticizes it to capitalism, in the present time, suggests a debate on “ways” of formation politics of this classroom (political parties, unions, parliament). In this debate, therefore, the arguments of Luxemburg Rosa and its divergences with the reforming policy of Bernstein, the orthodox marxism of Kautsky, the democratic centralism of Lenin and the contrast of its conceptions in the interpretation of Lukács one of the main exponents of the marxism occidental.

Keywords

Marxism; Formation politics; Working class.

Introdução

Este artigo reúne alguns elementos teóricos de Rosa Luxemburg sobre os “meios” de formação política da classe trabalhadora, como um exemplo de apreensão das determinações objetivas, do processo dialético e histórico, que podem contribuir na crítica da atual conjuntura de economia mundializada.

Nesse sentido, mesmo resumidamente, se apresentam os argumentos de Rosa sobre o tema. A primeira parte do artigo destaca a crítica ao reformismo de Bernstein no período da II Internacional. A segunda parte, ressalta a divergência ao centralismo democrático de Lênin, quanto à organização do movimento operário e sua formação política, e a terceira aborda o marxismo ocidental, sob a influência da filosofia de Lukács em contraste com as concepções de Rosa Luxemburg.

Muito diferente de concluir, este artigo reafirma a consistência histórica das preocupações de Rosa com relação à formação política da classe trabalhadora que permanecem válidas enquanto existir exploração do trabalho e acumulação do capital.

Formação política da classe trabalhadora

Marx se propôs a examinar historicamente o proletariado moderno, uma classe social obrigada, por seu estado de despojamento dos meios de produção, a vender sua força de trabalho. Em oposição à teoria valor trabalho dos economistas liberais, Marx (1996) observa que há um processo de desvalorização do valor² e é esse processo a própria superação da contradição da relação capital- trabalho.

No materialismo histórico e dialético aplicado na elaboração de *O Capital* de Marx (1996), a produção de mais-valia é a expressão material da luta de classes e o valor trabalho a expressão da exploração dos proletários pela burguesia.

No Manifesto Comunista de 1848, documento de caráter programático, Marx e Engels defendiam a conexão direta entre a luta econômica e a luta política, o que fornece o sentido de um marxismo não meramente teórico, e sim articulado à práxis como ação transformadora. Por isso, a emancipação da classe trabalhadora e sua centralidade política são construídas socialmente e resultado desse processo objetivo histórico.

Na II Internacional³ as interpretações sobre a formação política do movimento operário eram divergentes, os argumentos de Rosa Luxemburg sobre esse tema destacam-se por sua fidelidade às obras de Marx.

Para o marxismo ortodoxo, em sua versão alemã e russa, a formação política do movimento operário estaria determinada pela “evolução” das condições eco-

nômicas, portanto, “a condição subjetiva seria a consequência lógica da condição objetiva”. (LÖWY. 1975, p.130).

Outra tendência política, na II Internacional, se distingue do marxismo ortodoxo, conhecida como revisionismo e reformismo. E é no debate interno do SPD (*Sozialdemokratische Partei Deutschlands*), entre Rosa Luxemburg e Bernstein⁴, que se observa a diferença das concepções, principalmente sobre parlamentarismo e democracia, como “meios” de formação política do movimento operário.

Em *Reforma, Revisionismo e Oportunismo* escrito em 1899, Rosa Luxemburg, denuncia o método oportunista utilizado por Bernstein⁵ que, ao ceder às pressões, adapta o discurso às circunstâncias.

O reformismo defende a capacidade de adaptação do modo de produção capitalista e propõe o revisionismo da doutrina revolucionária de Marx, sob a alegação do improvável desmoronamento do capitalismo.

Rosa (1970) demarca o debate, na cientificidade do socialismo e comprova a limitação do desenvolvimento capitalista pelas suas próprias contradições, seu rigor científico e metodológico marxista demonstra, com base nas mesmas evidências empíricas de Bernstein, a falsidade dos “meios de adaptação” e da “teoria da realização progressiva do socialismo”, pelas reformas sociais, pelos sindicatos e pela democratização política do Estado.

Quanto aos sindicatos, Rosa critica a perspectiva reformista pelo caráter negociador e conciliatório que é evidenciado por essa corrente de pensamento como uma atividade sindical anti-classista e como fim em si mesmo. Para Rosa (1970), ao contrário, o movimento sindical é um “meio” de educar a classe trabalhadora na defesa organizada dos possuidores da força de trabalho.

No que se refere à democracia, Rosa (1970) afirma que o próprio desenvolvimento capitalista modifica o caráter do Estado o qual estabelece, cada vez mais, mecanismos de proteção ao capital.

As contradições do Estado, portanto, revelam na interpretação de Rosa, que em vez de evoluir para o caráter de representante da sociedade “de todos”, ao contrário, se encaminha para o privado e para a dominação de classe sobre os trabalhadores.

Nesta concepção, os sindicatos e o parlamentarismo são “meios” legítimos e não um “fim” em si mesmo, servem ao movimento operário como instrumentos de compreensão política das contradições da economia capitalista e contribuem na construção do projeto emancipatório socialista.

Rosa criticou os revisionistas neokantianos, que se referenciavam no moralismo abstrato de Bernstein, na defesa da ética e das puras intenções, nessa perspectiva, a

transformação da sociedade não se daria pela formação política da classe trabalhadora e sim pela mudança “subjéitiva”, moral e espiritual dos homens, como condição para atingir a justiça social. (LUXEMBURG *apud* LÖWY, 2009)

Em 1904 polarizam-se, na II Internacional⁶, as divergências sobre formação política da classe trabalhadora, entre Rosa da social-democracia alemã e Lênin que dirigia o recém fundado Partido Operário Social-Democrata Russo.

O debate entre Lênin e Rosa baseia-se na crítica ao “oportunismo” tanto na social democracia, na época revolucionária, como no movimento operário. A divergência entre ambos, porém, se dá sobre formação política da classe trabalhadora e organização partidária⁷.

A teoria de partido de Lênin em 1905, ano da revolução democrática russa, como a dos demais marxistas ortodoxos, centrava-se na idéia de que o partido representava a classe trabalhadora e sua “vontade” política.

Para Rosa, a vontade das massas impõe-se contra as classes dominantes no movimento histórico universal do proletariado, essa vontade se conquista na luta cotidiana contra a ordem estabelecida (LUXEMBURG *apud* LÖWY, 2009).

O partido, para Lênin, seria como uma organização que reunia os militantes mais conscientes e a intelectualidade da classe trabalhadora, com dedicação exclusiva à revolução, para prevenir o movimento revolucionário do mero economicismo (lutas por salários e melhoria das condições de vida) e do oportunismo (idéias de adaptação ao capitalismo).

Na defesa da política de massas em oposição à autonomia política do partido como dirigente da luta revolucionária, Rosa aponta o equívoco de Lênin ao considerar que um estatuto do Partido poderia eliminar o oportunismo do movimento operário (LUXEMBURG *apud* LOUREIRO, 2009, p 37).

Ao mesmo tempo em que debatia com Lênin, após escrever *Greve de massas, sindicatos e partido*, em 1906, Rosa entra em conflito com a ala majoritária do SDP e critica o economicismo mecânico de Kautsky, referência teórica do marxismo ortodoxo, para o qual a evolução das forças produtivas levariam fatalmente ao socialismo (LOUREIRO, 2009).

Para o marxismo ortodoxo a classe trabalhadora deveria assumir uma estratégia de “atentismo” passivo e esperar o momento revolucionário, independente de formação política, por isso a social democracia alemã preocupava-se com outros “meios” para dirigir o movimento operário, como o parlamento.

As denúncias de Rosa quanto os perigos do reformismo e do mecanicismo se confirmam em 1914, quando os parlamentares da social democracia alemã votam

a favor dos créditos de guerra. Este episódio provocou o rompimento de Rosa e Lênin com a II Internacional.

Após a revolução soviética Rosa retoma o debate com Lênin e escreve *A Revolução Russa* em 1918. Nesse artigo aprofunda a sua concepção dialética de luta econômica e luta política. Destaca o papel do Partido Bolchevique na relação com o movimento revolucionário e alertava sobre os perigos da burocratização da cúpula dirigente do partido que se distanciavam do caráter de massa da revolução.

Reforça assim, Rosa, a importância da liberdade de imprensa e de reunião, o debate de opiniões tanto como “meios” da formação política da classe trabalhadora como “meios” que deveriam também orientar o partido e não, ao contrário, quando a direção distanciada das massas impõe a revolução (LUXEMBURG, 1991).

Na III Internacional (1919-1943), após a morte de Rosa em 1919 e de Lênin em 1924, o debate sobre a formação política da classe trabalhadora, foi suplantado pelo processo histórico⁸.

No stalinismo⁹ que prevaleceu na III Internacional, a coerção, o retorno da idéia abstrata de democracia burguesa pelas frentes populares¹⁰, tanto desvincula a luta econômica da luta política como pretende se justificar teoricamente no ecletismo e no pragmatismo político e essas mudanças irão pautar o debate no “marxismo ocidental”¹¹ e nos rumos intelectuais de esquerda¹².

O limite deste artigo não permite aprofundar os elementos conjunturais que compõem o contexto econômico e político do chamado “marxismo ocidental”, tampouco a trajetória de um dos seus principais pensadores. Destaca-se, no entanto, as concepções Lukács¹³ (1885 -1971), sobre a formação política da classe trabalhadora que contrastam com as posições de Rosa Luxemburg.

As concepções de Lukács opõem-se às formulações de Rosa, tanto teoricamente em *História e Consciência de Classe*¹⁴ de 1921 que exalta o partido e a afirma a crise ideológica do proletariado, como politicamente na defesa das frentes populares expostas nas *Teses de Blum* de 1928.

Em dois ensaios que irão compor seu livro *História e Consciência de Classe* Lukács refere-se a Rosa Luxemburg. No capítulo “Rosa Luxemburg marxista” de janeiro de 1921, elogia Rosa na crítica ao marxismo ortodoxo. Um ano depois, em janeiro de 1922, Lukács escreve “Comentários críticos sobre a crítica da revolução russa em Rosa Luxemburg”, tecendo duros comentários e opondo-se aos argumentos de Rosa.

Nesta mudança de opinião torna-se explícita a divergência de Lukács e Rosa, principalmente sobre formação política da classe trabalhadora, Lukács

não pensava na possibilidade de ação sem a direção de um partido que levasse as massas, enquanto Rosa, como já foi exposto, desenvolveu uma pedagogia revolucionária da ação (LÖWY, 2009).

Löwy (2009) irá argumentar que a crítica de Lukács à Rosa justifica-se diante das divergências do Partido Comunista Alemão na polêmica sobre a “ação de março em 1921”¹⁵. Observa-se, no entanto, que as formulações de Lukács que se referem à formação política do movimento operário, são semelhantes às de Lênin “chegando a defender os elementos “não democráticos” do primeiro ano do regime soviético” (ZIZEK, 2000, p 161) e, portanto, diametralmente opostas às concepções de Rosa Luxemburg.

Não são poucas as polêmicas que se estabelecem sobre a trajetória política de Lukács, com relação ao seu apoio às políticas stalinistas. As divergências com grupo de Stalin situam-se principalmente no campo tático (como exemplo a tese das frentes populares que desagradou os dirigentes da III Internacional) embora mantenha estrategicamente a defesa do socialismo em um só país.

Lukács vincula-se ao marxismo ocidental e será um dos seus principais referenciais, ao mesmo tempo em que, segundo Anderson (2004), os intelectuais deixam de examinar leis econômicas do capitalismo, analisar o Estado burguês e discutir a estratégia da luta de classes.

Conforme Zizek (2000) as produções intelectuais centram-se muito mais nas “generalizações antropofilosóficas” do que nas “análises sóciopolíticas concretas”, para evitar a confrontação teórica direta com o stalinismo, o que conduz a ausência de discussão sobre formação política da classe trabalhadora na tradição do materialismo histórico¹⁶.

Nesta perspectiva as contradições do modo de produção capitalista e, por conseguinte, sua superação, pela luta de classes e pela revolução são substituídas por boa parte da academia pela ênfase filosófica e humanista de idéias abstratas de moral, justiça e subjetivas do ser, que irão influenciar os estudos marxistas até os dias de hoje.

Considerações finais

Assim como Marx “inverte” a filosofia de Hegel¹⁷, Rosa “inverte” Lênin em relação ao partido. Para Rosa, não é o Partido que forja o movimento operário, e sim o contrário, são as massas operárias que forjam suas organizações (partidárias e sindicais).

A revolução, na formulação de Rosa, só poderia ser obra das próprias massas, nunca de grupos armados, nem de vanguardas intelectuais (LUXEMBURG *apud* LÖWY, 2009), e que, portanto, só na luta as tarefas se tornam nítidas, objetivas e, ao mesmo tempo, subjetivas¹⁸.

A organização do proletariado com consciência de classe em Rosa, não emerge de uma concepção apriorista, inata ou mecânica, a formação política da classe trabalhadora para Rosa é ação, que articula, portanto, a unidade dialética das relações econômicas e políticas, como uma práxis revolucionária, forjada na luta de classes e na contradição do capital e do trabalho.

A formação política da classe trabalhadora em um contexto de neoliberalismo político resulta, cada vez menos, dos partidos, dos sindicatos e, cada vez mais, das contradições explícitas de desigualdade e exploração do modo de produção concentrador de capital e dos mecanismos democráticos voltados aos interesses do Estado burguês.

Em que pese às mudanças no mundo do trabalho, o declínio da identidade operária principalmente nas gerações mais jovens, a corrupção, a propaganda e cultura de massas veiculadas pelos meios de comunicação e multimídia voltadas para o consumo, a ação política, também se amplia no contexto atual.

Os diversos movimentos sociais, as conferências, os Fóruns que se instalam a partir da última década do século XX, são exemplos de “meios” atuais, além dos partidos e sindicatos, de formação política da classe trabalhadora¹⁹.

Se por um lado a liberdade de expressão, a liberdade de imprensa, a liberdade de reunião com um direcionamento de conquista de direitos junto ao estado, pode levar a uma conciliação de classe. Por outro, o acirramento da contradição capital trabalho aprofunda a compreensão da desigualdade econômica produzida pelo modo de produção capitalista, tornando indissociável a luta política da luta econômica.

Por isso a vinculação da luta política com da luta econômica é um processo que precisa ser olhado mais de perto, nas suas novas expressões e manifestações, à luz de referenciais que expliquem, na forma imperialista e mundializada, a contraditória concentração de capital e desvalorização da força de trabalho que resulta dos arranjos burgueses de precarização e flexibilidade na produção.

Entre outros, esses elementos explicitam, cada vez mais, o antagonismo de classes, o esgotamento da democracia formal, os interesses privados do Estado e os limites da valorização do capital.

A compreensão crítica do capitalismo contemporâneo exige a apreensão desta “unidade dialética”, na superação histórica, do marxismo ocidental e suas influências filosóficas e aprofundar a apreensão da contradição capital trabalho e suas determinações objetivas e subjetivas. É nesse aspecto que se confirma a atualidade das formulações de Rosa Luxemburg principalmente quanto os “meios” de formação política da classe trabalhadora.

Referências

ANDERSON, Perry. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. São Paulo: Editora Boitempo, 2004.

DILLENBURG, Fernando Frota. *Método dialético e política em Lukács*. Dissertação de Mestrado em Filosofia. Universidade Estadual de Campinas, 2006. Disponível em <<http://cutter.unicamp.br/document>>. Acesso em: 07.12.2009

GORENDER, Jacob. *Apresentação*. In *Os economistas: Karl Marx. O capital crítica da economia política*. Volume I, Livro Primeiro. *O processo de produção do capital*. Tomo 1. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 1996.

LOUREIRO, Isabel (org.) *Rosa Luxemburgo*. Textos escolhidos. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2009. Disponível em: <<http://www.rls.org.br>> Acesso em: 24.03.2009

LÖWY, Michael. *A evolução política de Lukács: 1909-1929*. São Paulo: Editora Cortez, 1998.

_____. *Método político e método dialético*. Rio de Janeiro: Editora Paz e terra, 1975.

_____. *A filosofia da práxis no pensamento de Rosa Luxemburg*. 2009. Disponível em <<http://www.rosa-blindada.info/?p=151>>. Acesso em 02.10.2009

LUXEMBURG, Rosa. *Acumulação do capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo; Anticritica*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1985.

_____. *Reforma, revisionismo e oportunismo*. Rio de Janeiro: Editora Laemmert, 1970.

_____. *A Revolução Russa*. Rio de Janeiro: Editora Petrópolis, 1991.

MANDEL, Ernest. *A formação do pensamento econômico de Karl Marx*. De 1843 até a redação de O Capital. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1980 (2ª ed.).

MARX, Karl. *Posfácio da segunda edição de O Capital*. OS ECONOMISTAS. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 1996.

_____. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.

SCHWARZ, Peter. *O outubro alemão: a revolução perdida de 1923*. 2008. Disponível: <<http://www.wsws.org/pt/2008/dec2008/ale3-d10.shtml>>. Acesso em 09.01.2011

SLAVOJ, Žižek. *De história e consciência de classe a dialética do esclarecimento, e volta*. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n59/a08n59.pdf>>. Acesso em 09.01.2010

Notas

- 1 Doutoranda em Serviço Social na PUCSP, bolsista CNPq, sob a orientação da Prof^a Dra Maria Lúcia Carvalho. Email: gedfiori@terra.com.br
- 2 Cf. MANDEL, 1980. Em *Introdução da Contribuição à Crítica da Economia Política*. Marx explica como descobriu a categoria trabalho abstrato através de seu método, a forma valor que o trabalho, ou melhor, a força de trabalho como mercadoria adquire historicamente pelo processo de produção a um determinado nível de desenvolvimento histórico, uma forma social de produção historicamente transitória.
- 3 A primeira Internacional, fundada por Karl Marx em 1864 ou Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) e extinta em 1876. A II Internacional fundada em 1889, por Engels e dirigentes do SPD(Sozialdemokratische Partei Deutschlands) que seguia a orientação marxista.
- 4 “Bernstein Debatte” artigos de Edouard Bernstein e os artigos de Rosa Luxemburg na revista Die Neue Zeit entre 1896 e 1898.
- 5 Cf. LÖWY, (1975, p.22.) Bernstein exige a compartimentação rigorosa, estanque e absoluta entre “os fatos” e “os valores”, entre a ciência pura (à la Comte) e a moral pura (à la Kant).
- 6 A discussão na II Internacional entre Rosa e Lênin encontra-se registrada em *Questões de Organização da Social-Democracia Russa de 1904* e *Em Greve de Massas, Partido e Sindicatos de 1906*
- 7 Em 1904, ambos, não criticavam a concepção evolutiva e linear do mecanicismo de Kautsky e do marxismo ortodoxo russo representado por Plekhanov e opunham-se ao revisionismo de Bernstein, como as principais tendências que predominavam na II Internacional.
- 8 Em que pese a III Internacional Comunista, aprofundar a noção dialética de reivindicações transitórias, após a morte de Lênin, em janeiro de 1924, inicia um processo de abandono dessa noção e rebaixa a discussão ao nível da II Internacional, que separava um programa mínimo (econômico) e um programa máximo (político). A revolução russa converte-se em ditadura burocrática, com a ascensão de Stalin ao poder. Na conjuntura do pós-primeira guerra, a economia capitalista passa por profundas mudanças, a Europa deixa de ser o pólo central econômico e político e os Estados Unidos e a Rússia modificam o mapa econômico e político mundial.
- 9 Na década de 1930, a concepção de Revolução por Etapas da III Internacional se afirmava e combinava com o sindicalismo de direita, com o “progresso” capitalista e com a estabilidade política, ao adotar o programa mínimo, o grupo de Stalin, constrói táticas de ultra-sectária à política de frentes populares, de aliança com a burguesia, essas alterações mais desorientavam do que orientava os partidos comunistas do mundo inteiro, o que contribuiu com a ascensão do nazismo. (LOWY, 1998, p.238-240) Após a II Guerra Mundial, com a fragilidade política do KPD na Alemanha Ocidental e com a dissolução da III Internacional, o PC Francês tornou-se a organização de referência da classe operária como partido de massas e o marxismo como corrente teórica (ANDERSON, 2004). Nesse contexto contrasta as teorias de Trotsky e a oposição stalinista, que em 1938, compõe a Quarta Internacional fundamentada na concepção de transição no IV Congresso da III Internacional Comunista de 1922, orientando-se pelo Programa de transição, pela teoria da revolução permanente e a revolução proletária mundial (DEUTSCHER,1994).
- 10 Frentes populares: tática aprovada no último congresso da Internacional Comunista, em 1935, sob a direção de Georgi Dimitrov, como uma retomada das tarefas democrático-burguesas do “marxismo

ortodoxo” e evolucionista, no contexto teórico-prático da revolução por etapas e do socialismo em um só país. Cf DILLEMBURG (2006) Celso Frederico, José Paulo Netto e Slaughter afirmam que Lukács teria sido uma espécie de precursor da política stalinista das Frentes Populares, porém a defesa dessa tática nas “Teses de Blum” opunha-se à concepção ultra-sectária do VI Congresso da Internacional Comunista em 1928, sob a direção de Bujarin, que aprova a tática de “classe contra classe”.

- 11 Para maiores detalhes sobre o marxismo ocidental ver: ANDERSON, 2004, DILLEMBURG, 2006 e ZIZEK, 2000.
- 12 Cf. ANDERSON, 2004. O Instituto de Investigação Social de Frankfurt que durante os anos vinte possuía entre seus intelectuais militantes de partidos proletários e discutia o marxismo como referência teórico-prática, a partir de 1930 quando Horkheimer assume a direção, segue no abandono da perspectiva científica do materialismo histórico e passa a orientar-se para o desenvolvimento da filosofia social, complementada por investigações empíricas.
- 13 Lukács foi dirigente do Partido Comunista Húngaro em 1919 Comissário do Povo para a Educação na República Soviética Húngara, de 1929 em diante, deixou de ser um militante político, limitando-se à crítica literária e à filosofia no seu trabalho intelectual. (ANDERSON, 2004)
- 14 Lukács, para parte do pressuposto da reificação do proletariado, como uma degeneração de consciência pelo trabalho alienado, que só pode ser superada pelo Partido. Na linha do centralismo democrático do partido revolucionário russo, somente o partido, e um partido de quadros intelectuais e militantes, poderia libertar o proletariado e cumprir a tarefa de transição socialista.
- 15 Cf. SCHWARZ, 2008. Em Março de 1921, uma revolta fracassada na Alemanha Central — a chamada Märzaktion [Ação de Março] provocou uma nova crise nas fileiras do KPD. Depois que o governo nacional enviou unidades policiais até as fábricas para desarmar os operários, o KPD chama greve geral e a derrubada do governo nacional. Esse levante foi derrotado, no qual 2.000 trabalhadores foram mortos.
- 16 Para Zizek (2000) o marxismo ocidental não expressava sua posição entre o “reformismo parlamentar social-democrata” e a “ortodoxia stalinista”, preferiu “abandonar o envolvimento político direto e tornou-se uma parte da máquina acadêmica existente” (ZIZEK, 2000, p. 161).
- 17 Cf. GORENDER, Jacob (1996) na apresentação do volume de KARL MARX na coleção Os Economistas afirma que para Marx não é o Estado, como pensava Hegel, que cria a sociedade civil: ao contrário, é a sociedade civil que cria o Estado (GORENDER, 1996, p. 12).
- 18 Cf. LOUREIRO, 2009, Rosa na polêmica com Lênin, expõe os argumentos de que a consciência de classe é muito mais produto da ação revolucionária que do trabalho do partido. Além disso, também confirmariam na prática que a trama da história é simultaneamente tecida por elementos econômicos e políticos, objetivos e subjetivos, conscientes e inconscientes.
- 19 Cabe lembrar que Rosa em Greve de massas, partido e sindicatos (1906) considerava as massas operárias mesmo os trabalhadores não organizados em sindicatos e partidos. (LOUREIRO, 2009, p.62).

Submetido em março de 2011, aceito em junho de 2011.